

Autor: Alberto Marticorena – letra, Institución Psicoanalítica

Título: Falar do corpo. Uma questão de nome

Dispositivo: Plenários

O significado da palavra corpo não é unívoco, mas parece supor sempre uma entidade, um objeto configurado pelos atos que se fazem nos ditos. Diz-se que ele “fala” e que “dá o que falar”. Freud e suas pacientes histéricas fizeram a experiência inaugural de um corpo que se desenha pelas palavras, subvertendo as limitações representacionais do espaço médico-cartesiano.

Imaginar um começo

No começo teria existido um organismo, uma sustância vivente, um processo biológico, que se fez corpo por ter sido tocado pelo significante encarnado na linguagem, com as conseqüências que nós, psicanalistas, extraímos como necessárias. O que é fundamental para essa questão, é a imagem do corpo como significante no campo do Outro, de maneira que, na realidade, o falante, antes falado, inscreve-se e ao mesmo tempo se escinde. O “estádio do espelho” proposto por J. Lacan formaliza este acontecimento.

Podemos localizar nesse tempo originário, o que Freud chama de intrincação, que não é uma síntese unificante entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Assim que um corpo se instaura, a ex-sistência se funde na dimensão, não existindo por tanto um corpo sem um real.

"Há um real que ex-siste ao falo e que é chamado de gozo". (R S I, 11-mar-75).

E no *Encore* (21-nov-72): "Mas o ser, que é o gozo do corpo como tal, ou seja, é como o *a* – ponham como quiserem – como (*a* / *a*- / *à*) sexuado". Logo, com a letra que escreve o objeto, com a partícula privativa, ou mesmo com a preposição que indica uma direção. O “corpo como tal”, que deve ser entendido como aquele que não recebe atributos, nem determinações, nem predicados.

As funções do lugar do Outro, que diferenciamos como pertencentes ao significante e ao Outro sexo, ao gozo sexual como impossível em sua infinitude, encontram-se, a partir de seu estado de indefensibilidade, em uma mítica operação instituinte.

No *Encore* (21-nov-72): diz-se do Outro "lugar do Outro, de um sexo como um Outro, como um Outro absoluto". Para diferenciar do Outro para o qual existe o desejo e o inconsciente estruturado, para o qual um significante representa o sujeito.

E com eles, entre eles, entre os dois, insere-se o aparelho da pulsão.

Poderíamos estabelecer uma série de equivalências: real / ex-sistência / Outro absoluto / corpo "como tal" / a-sexuado / gozo. Um resto, real amarrado, que funciona sozinho, o vivente-mortal, que é aquilo que faz falta no registro imaginário-simbólico. É a partir desse resto que nos vemos afetados: o traumático. A pretensão racional unificante do simbólico é limitada por aquilo que volta ao seu próprio ponto de partida perdido, esquecido pelo "chapeado" sempre inacabado que faz o significante.

O Falo "amoedado" (da mesma forma que o "valor" monetário de uma mercadoria é representado pela moeda, quando ela entra em circulação em um sistema monetário) por meio da metáfora paterna, afasta da infinitude da demanda evocada pela presença do Outro e ao qual de nada servirá emprestar objetos.

O Falo "normaliza" o *mais de gozar*. O Complexo de Édipo (parricídio – incesto) faz a passagem da impossibilidade à proibição, e os objetos pulsionais parciais adquirem um significado fálico na economia do desejo.

Corpo-Objeto-Nome

Se a lei age em seu amedamento que normaliza, o falante, a partir do momento em que a linguagem o submete e o aliena, também se vê submetido e complicado em um menos de satisfação; o que se inscreve com $-\phi$, como limite do imaginário, é sua relação com o gozo. O gozo fálico é a característica que pode ter o gozo sexual pelo fato de resignar-se com a castração. A diferença sexual poderá ser definida pela posição que este gozo vai tomar na economia subjetiva. Pretende-se tudo e/ou não-tudo?

Com a articulação do gozo sexual e do desejo, que vem do Outro, define-se o regime do corpo para além do seu imaginário e do princípio do prazer do qual está pendurado. Os órgãos são então os instrumentos e o meio que, até um determinado limite onde decaem, sustentam o trajeto na perspectiva do gozo que se abre para o desejo.

Desse modo, o corpo passa a ser o suporte do nome, de uma versão do nome próprio, daquilo que nos nomeia pelo cifrado das condições de desejo e de gozo. O nome próprio, que é representado pelo patronímico, determina essa singularidade. Enquanto sintoma, como a forma que toma a vida sexual do neurótico, instala-se entre o gozo referido ao ser, a partir de agora *a-sexuado*, e o coercitivo do ordenamento simbólico.

O fato de situar-se na borda da metáfora é o motivo pelo qual o nome próprio, que instala o sujeito na encruzilhada entre o desejo e o gozo, "incomoda" (perturba, violenta) o neurótico, como diz J. Lacan. 1) Em parte porque ele marca e inaugura uma dívida simbólica ("Cartas...", carta 101: "Você deve uma morte à natureza", como faz lembrar Freud); lá, onde essa dívida é recusada, transforma-se em uma forma qualquer de *reação terapêutica negativa*, com a qual marcamos um limite do nosso campo na direção esperada de uma cura, um limite sobre o qual prosseguir. O "não retroceder no desejo" é, aqui, um imperativo para o analista. 2) E também porque, inconsciente e com primazia no recalque primário, ele se impõe em uma dimensão de estranheza angustiante com relação à proximidade de um Outro inalcançável, irredutível a um saber. É a razão pela qual, quando nos encontramos

reduzidos a um corpo, o que se segue é a angústia, embora ele esteja disposto sobre a imagem e fantasmaticamente em volta dos tipos de *a*, não deixa de evocar o lugar da causa vazia, da falta-a-ser, do furo que é exatamente aquilo que é revestido pela superfície do corpo ou obturado pelos *a*.

O corpo como *semblant*

Na “relação” social-sexual o corpo é um objeto; é, primeiro, o *pequeno outro* semelhante, com quem, no laço, será possível alcançar uma objetividade diferente, a do objeto pulsional, assim como a outridade da causa.

Há uma forma privilegiada de situar o gozo, a forma da marca que suporta o corpo, delimitando os objetos privilegiados. O próprio corte do objeto evoca um gozo. Objeto que não tem, necessariamente, sua localização imaginária no corpo do outro ou no do sujeito, mas que como efeito do discurso situa-se “entre” os dois, com conseqüências na unidade imaginária do corpo e alcançando um fora-do-corpo.

A marca, a cicatriz sobre a superfície corporal, a ferida, o golpe, a fratura, a lesão orgânica, das quais temos notícia pelo que nos falam, instalam-se recordando um “esquecimento” ou uma insuficiência do corte simbólico. Nossa clínica parece indicá-lo com freqüência. Violência e atravessamento de um limite, de uma barreira que está implicada pela presença do outro (podemos dizer: o real) que atualiza uma dimensão do in-acessível, do não dominado, daquilo que a natureza não cede à cultura.

O corpo encontra seu lugar fantasístico como corpo do outro que simboliza o Outro e do qual se pretende gozar, e/ou como corpo oferecido passivamente ao gozo de um Outro. Em todo caso, o corpo está parcializado, é tomado a partir de zonas, por partes.

E o gozo está referido a um fora do corpo, a um objeto separado, perdido, à inscrição de um limite. O gozo do Outro tem uma nota sadiana, objetiva, ativa para o sujeito, e outra extática, subjetiva, passiva. É o gozo ao qual temos acesso no contexto da sexualidade.

Essas duas posições são as que partem do registro e da inscrição da castração (morte), que supõem a perspectiva de uma renúncia, de um limite à satisfação. A diferença está nas ações sobre as conseqüências: de dominação e rejeição desse limite em um caso, e de submissão e consentimento no outro.

É a partir desse "Mais ainda..." e da *pulsão de morte* que Lacan pode abrir o caminho para o conceito de gozo como relativo de uma trilhagem, de um "abrir caminho", como diferença que acompanha o movimento do desejo. Sob a forma de um excesso pode chegar a implicar um mal, tanto para o sujeito quanto para o outro.

A partir dos objetos parciais, reserva-se uma via de retorno, a do gozo fora-do-corpo, para o corpo próprio alienado pelo Outro. Além de ser a via de acesso que o sujeito tem em sua relação com o Outro, os *a* são também o meio para que se diga "não é isso".

Em suma, é com o que falamos.

Alberto G. Marticorena

letra Institución Psicoanalítica

Buenos Aires, maio 2009